



Davino Sena<sup>i</sup>



*Gatos*, Ando Hiroshige, 1850\*

## BANDO DE GATOS

Eu caminho todos os dias no ar  
do deserto, que é feito de areia  
e véus, fico a dar voltas pelo parque  
sempre o mesmo, como numa teia.

O parque tem a geometria louca  
dos arabescos, a caligrafia  
de um árabe sem camelo, a pouca  
sanidade de uma fé vazia.

Todos os dias no ar do deserto  
aparecem os gatos, sob as folhas  
do parque, onde gostam de aparecer  
sem jamais rir, cada um na sua bolha.

O gato é a prova de que Deus  
quis dar-me um pequenino jaguar  
a seguir os passos meus no parque  
como a tocar um outro eu.

Um eu todo retorcido, o do gato,  
ninguém sabe como chegou ao parque  
e o predominante bege decerto  
é camuflagem do pelo no deserto.

*O jaguar no deserto* não existe  
e as pintas o denunciam, só  
vive na imaginação, que preside  
a falsa realidade do sol.

O gato no parque tem mais chance  
de sobreviver sob o sol fechado  
da realidade, embora o bege traje  
não o camufle no verde do parque.

O gato é esperto ao manter o bege  
como precaução, já que o deserto  
vai conquistar o parque, vai decerto  
resgatar o que um dia foi bege.

O deserto não quer nada, apenas  
somos nós que atribuímos a voz  
a quem mata, ao gato e às penas  
que ficaram no chão, ante os olhos.

O homem pardo é o jardineiro  
do parque, é ele quem faz jardim  
o deserto, é ele quem civiliza  
os gatos com bolas de *basmati*.

O homem pardo podou as árvores  
que faziam verde o ar do deserto  
apenas deixou os braços abertos  
sem folha, aonde subirá um gato.

Eu vi o gato imóvel olhando  
para cima, um faminto gerúndio  
cujas garras se firmam no alto tronco  
como a voz se ergue no alvo canto...

A mulher de leite falava inglês  
para os gatos, a quem amava fundo,  
de um amor total, fora do mundo  
onde os homens se matam... por um deus...

Os gatos vinham até ela beber  
o leite, cedo demais, o pão dela,  
as migalhas que faziam descer  
da guerra e crer na vida eterna.

Tão confiantes no futuro, os gatos  
não temiam quando eu vinha, ledo,  
com a cadelinha russa, ao parque,  
e até desafiavam-na a um duelo.

Algo os separava, gato e cão,  
orgulho e submissão, felinos  
e caninos, que seriam amigos  
não fosse a falsa imaginação...

Pobre leitor, incauto, que em casa  
acorda, sem calça, desce ao jardim,  
onde nota haver sido seguido  
por uma gata suja, da pior casta.

A gata suja veio para ficar  
na memória suja pelos sentidos  
e ressentidos dias, pela morte  
que ela tenta afastar dos filhotes.

Veja como a gata fez-se dona  
do jardim, que se encherá de caudas  
a zunir, sobre a grama, levantando  
a poeira, como efeito sem causa.

Pobre leitor sem cauda, que buscaste  
defender uma causa, sem a encontrar,  
e terminaste trazendo para cá  
os sujos gatos do lado de lá.

Os filhotes arranharam o vidro  
de tua mente, que não se compraz  
em pensar o real, antes quer ver  
uma cauda, eternamente vivaz.

São os gatos sujos do amanhã  
em teu jardim a miar, pelos galhos  
a saltar, o lento aprendizado  
sob a vigilância da gata mãe.

Um dia, mal pude acreditar, o gato  
pai veio, pelo muro, silencioso  
sentar-se, sem dizer sequer um "uai"  
e lá ficou, no muro silencioso.

Já vês, leitor? Olha bem, o casal  
orgulhoso e a gata filhote, menos  
o gatinho preguiçoso, que não  
conseguiu pular até o muro.

Ficou no galho, a olhar para cima,  
o jaguar pirralho, a zombar da vida  
que lhe exigia trabalho, o pulo  
do gato, difícil... tão alto o muro.

Lá no topo do muro, a irmãzinha  
bebia, sôfrega, o leite quente  
da mãe, sem atraso, a recompensa  
de quem fez o trabalho no prazo.

Veio uma tempestade de areia  
na areia levar tudo embora  
e enterrou o dia com areias  
sobre os gatinhos a brincar horas.

Momentos nulos, sem poesia, são  
como os gatos sujos, que a visão  
um dia nos negará, tudo isso  
que se foi e ficou, como um visgo.

No céu, há poucos fiapos de azul  
e os gatos têm movimento líquido  
de água sinuosa, de rio sujo  
que a imaginação faz mais fétido.

Alguns gatos se assustam ao me ver  
como o terrorista que, surpreendido  
com algo mais terrível que sua causa,  
queda imóvel diante do perigo.

O gato sujo é o aterrorizado  
terrorista, diante do ser humano  
ele estanca seu rio, as águas fixa  
e se torna o alarmado alarmista.

O olho do gato é uma conta de vidro  
quando ele se vê diante do perigo  
e pula para o lado, entre as falhas  
mergulha, como chuva nas folhas.

Em uma falha mergulha, vai de lado  
espichando-se, o versátil felino  
atravessa as paredes, com o rabo  
por último, sumir vai, de fininho...

Nós aprendemos com os gatos a  
arte da fuga ante o perigo  
mediante falhas, erros cometidos  
que a mente oculta, como se gatos a...

Aonde foi aquele gato sujo?  
Em que falha da parede vazou?  
Ficamos a jogar no outro a culpa...  
O óleo que vazou no litoral...

Gato sujo, gato sujo, aonde foste?  
Em que falha da mente te escondes?  
Melhor não ir atrás, na falha estreita.  
Melhor deixá-lo ir-se, na noite desfeita...

---

<sup>i</sup> **Davino Ribeiro de Sena** nasceu em 1957, no Recife. Realizou estudos universitários no Recife e em São Paulo. Soneto "Memórias" ganha prêmio estudantil de poesia da Academia Pernambucana de Letras. Em 1984, gradua-se em Filosofia pela Universidade Católica de Pernambuco. Em 1989, inicia carreira diplomática. Em 1991, *Castelos de areia*, seu primeiro livro, recebe o prestigioso prêmio nacional de poesia organizado pela Fundação Nestlé de Cultura, em São Paulo. Com o apoio do Itamaraty, representa o Brasil no Encuentro Iberoamericano de Poesía, em Santiago, Chile, onde participa da antologia *Un angulo del mundo*. Em 1994, deu palestra sobre Literatura Brasileira na Universidade de Athens, na Georgia, EUA. Muda-se para a Espanha. Convidado à mesa-redonda do seminário internacional de poesia organizado pela Universidade de Barcelona. Publicação de *Pescador de nuvens* em 1996. Publica *Retrato com guitarra*. Muda-se para a Austrália. Publica *O jaguar no deserto*. Publica *Vidro e ferro*. Chefia a delegação do Brasil na Davino Sena 222 reunião do Grupo de Valdívia pela Preservação do Albatroz. Cônsul do Brasil no Japão em 2001. Retorna a Brasília em 2003. Publica *Três Martes*. Viaja a Angola e Moçambique em missão de cooperação em Ciência e Tecnologia. Com Elizabeth Hazin, publica *Lego & Davinovich*. Cônsul em Nova York. Em 2007, lança *Expedição*. Realiza palestra sobre "Poesia e Imaginação" em Recife e Nova York. A *Revista Poesia Sempre*, da Fundação Biblioteca Nacional, publica 3 poemas. Mudança para a Arábia Saudita. Poemas publicados pelas revistas eletrônicas *Rascunho*, de Curitiba, e *Eutomia*, do Recife. Lançamento de *O lento aprendizado do rapaz que amava ondas e estrelas* em 2009. Em 2011, muda-se para Londres. Publica *O rei das Ilhas*. Mora atualmente no Sri Lanka. Publicou seu livro mais recente, *Ternura da Água*, em 2015. É casado e tem duas filhas.

\* *Gatos*, Ando Hiroshige, 1850.

Fonte: [https://www.flickr.com/photos/oxfordshire\\_church\\_photos/galleries/72157649536240281/](https://www.flickr.com/photos/oxfordshire_church_photos/galleries/72157649536240281/)